

A TESSITURA DE CORDÉIS COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO

⁽¹⁾Nadjeana Ramalho da Silva; ⁽²⁾Joel Nunes de Farias; ⁽³⁾Luandson Luis da Silva

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte; e-mail: nadjeana@hotmail.com

² Faculdade em Educação do Cariri Paraibano, e-mail: jn.farias@bol.com.br

³ Universidade Federal da Paraíba, e-mail: llsilva_3@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo demonstrar uma sequência didática, aplicada a alunos do sexto ano do ensino fundamental sobre a temática: “A Tessitura de Cordéis como Ferramenta de Inclusão”. O trabalho, ocorrido em situação durante as aulas de português, na Escola Estadual Djalma Marinho, no município de Nova Cruz/RN, é fundamentado teoricamente em **autores como Alves (2010), Candido (2004), Declaração de Salamanca (1994), Freire (2002), Mantoan (2006), entre outros**. Para a realização deste artigo, primeiro foi feito um estudo baseado nos autores citados e cordéis. Ele foi dividido em momentos de análise teórica e descritiva acerca de conceitos sobre inclusão e quais os desafios no âmbito escolar. Os resultados demonstram que o ensino, ao ser pautado nos preceitos sociointeracionistas, produz situações de ensino-aprendizagem que são instigantes aos alunos.

Palavras-chave: Inclusão, escola, cordéis, aprendizagem.

Introdução

Este artigo se propõe a mostrar como o gênero textual Cordel, pode ser utilizado como ferramenta de Educação Inclusiva e estudo da temática nas salas de aulas e em todo o contexto educacional. Para tanto, se faz necessário compreender que, para que a inclusão aconteça de fato, é preciso que se investigue e inclua todas e quaisquer pessoas que se sintam excluída, a fim de entender e executar meios à sua inserção na sociedade. Nesse sentido, a fim de se fazer um melhor trabalho de inclusão escolar, principalmente nas salas de aula, este trabalho objetiva refletir sobre a educação inclusiva e propor meios para os alunos que possuam algum tipo de necessidade, sintam-se a vontade para interagir com os demais colegas, além de propiciar a todos os educandos a troca de experiência, convívio e respeito às diferenças.

Nessa perspectiva, MANTOAN (2005) ressalta que:

Inclusão é a nossa capacidade de entender e receber o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência, física, para os que têm comportamento mental, para os superdotados, e para toda criança que é discriminada por qualquer outro motivo. Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com,

é interagir com outro. (MANTOAN, 2005, p. 96).

Sendo assim, a inclusão deve ser algo constante, é fazer com que o outro se sinta capaz de interagir com as demais pessoas do seu convívio. Independente do tipo de deficiência, todos têm habilidades e estas devem ser desenvolvidas para que se possa conhecer e reconhecer o potencial de cada um.

Além do mais, a constituição de 1988 fala sobre uma sociedade livre, justa e solidária, a qual será possível com participação de todos no processo da educação de qualidade e igualitária, para que todos que tenham deficiência ou não possam ter seus direitos assegurados e a escola possa ser humana, acolhedora e inclusiva.

Então, podemos enfatizar que a escola é o primeiro ambiente em que se deve ensinar e propagar a inclusão, pois a educação inclusiva vai além dos aspectos cognitivos, entre outras coisas também visa desenvolver o lado humano dos educandos, através de momentos de socialização e solidariedade. Caso isso não seja possível, a escola está excluindo e contribuindo à evasão.

Sobre essa visão, Mantoan diz:

“A escola brasileira é marcada pelo fracasso e pela evasão de uma parte significativa de seus alunos, marginalizados pelo insucesso, por privações constantes e pela baixa autoestima resultante das exclusões escolar e social... A inclusão total e irrestrita é uma oportunidade que temos para reverter a situação da maioria de nossas escolas...”

Assim, portanto, a escola inclusiva deve criar diferentes mecanismos para evitar evasões e/ou qualquer tipo de preconceito e exclusões, para que todos possam socializar os momentos vivenciados na sala de aula e em outras atividades escolares. Só assim, é possível fazer uma educação inclusiva com qualidade e liberdade. Para tanto, a Literatura de Cordel aproxima os educandos, estimulando o sentimento de afetividade e fazendo com que aconteça a construção e troca de conhecimentos de cada um.

A Tessitura dos Cordéis e sua forma de inclusão

A literatura popular aproxima as pessoas, o gosto pela descoberta de histórias faz com que o texto seja um dos preferidos para ler, principalmente na educação básica. A leitura e

produção de cordéis propicia um conhecimento vasto, pois além de criar habilidades de leitura e escrita, ainda professores e alunos tem a oportunidade de expandir os conhecimentos culturais, por intermédio da cultura popular, conhecendo artistas locais e valorizando esses profissionais da arte e formando identidades. Sendo assim, os alunos veem no cordel a identidade de seu povo.

A identidade no mundo contemporâneo, é definida pela auteridade, e pelo outro, ou seja, como o outro define. O resultado de um processo de construção identitária, depende muito da produção simbólica, iconográfica, narrativa e discursiva e de relações e inter-relações sociais e culturais. As relações de força e de poder, que não se dão em um espaço harmonioso, mas são disputadas pelos grupos sociais. (SILVA, 2012, P. 62)

Para entender melhor, através dos cordéis os alunos se identificam com a realidade e sendo histórias que fazem parte do seu dia a dia, fica mais fácil tecer histórias que foram construídas ao longo da formação dos alunos. É como se a poesia contasse as experiências e fatos que as crianças ouviam de seus pais e / ou pessoas de sua convivência.

O mais fantástico no processo de construção dos cordéis com alunos do 6º ano, muito embora o gênero possa e deva ser trabalhado em todas as séries, mas especificamente nessa série, vale ressaltar que os alunos têm um encantamento pela leitura, o qual deve ser fomentado pela escola, a fim de estimular a leitura e conseqüentemente a escrita, bem como a valorização do conhecimento dos educandos. Assim,

A leitura terá de se tornar algo que possibilite a criação ou a (re) criação de novas janelas por parte do leitor, janelas que darão rumo ao mundo que ele deseja descortinar à sua frente. A leitura deverá ser parte do processo de libertação e de identificação do homem. Qualquer homem deverá saber que com a leitura o seu universo pode sofrer transformações incomensuráveis, sejam elas físicas e/ou psíquicas. É possível descortinar um mundo oculto pelo ato de ler, e isso é imprescindível que todos saibam. (ALMEIDA, 2006, p. 149).

Nesse sentido, a leitura traz memórias, desperta interesses, induz o imagético e ainda aproxima os alunos, o que auxilia no processo inclusão, estimulando respeito e afetividade entre os educandos. Além do mais, o cordel por representar bem a cultura nordestina, resgata tradições e desperta nas crianças outros conhecimentos sobre aspectos culturais e históricos, o que é muito positivo.

O trabalho feito em grupo relatado neste artigo, fez com que cada aluno desse sua parcela de

contribuição para que o texto fosse produzido e assim a tessitura textual foi sendo aprimorada cada vez que os alunos criavam versos, estrofes, rimas e ritmos. Sendo assim, o trabalho se tornou em uma verdadeira confecção de cordéis.

A escola tem papel fundamental no processo de inclusão, cabendo a ela propiciar meios para os alunos não se sintam excluídos, conforme a Declaração de Salamanca. O professor é o grande articulador na sala de aula para que os alunos possam interagir uns com os outros. Para tanto, uma boa ferramenta de inclusão é a literatura de cordel.

Nesse contexto, vale referenciar o poeta cordelista Patativa do Assaré, em seus versos abaixo ele ressalta a importância de se libertar.

O pinto prisioneiro

Pra sair do cativoiro

Veve bastante a lutar,

Bate o bico, bate o bico,

Bate o bico, tico tico

Pra poder se libertar.

Sendo assim, as crianças excluídas bem como o pinto do poema, devem se libertar. Essa libertação acontece quando ela passa a ter autonomia para realizar suas vontades. Na produção de cordéis, isso é possível, pois dentro de suas limitações as crianças podem participar juntando ideias, trocando experiências e principalmente convivência em harmonia.

Metodologia

Para que se faça um trabalho realmente de inclusão escolar, é preciso que todos sejam sujeitos atuantes, para tanto se fez necessário trabalhar o gênero textual cordel, por ser um gênero textual que encanta a todos os que participam de sua leitura e construção. O trabalho foi realizado durante um período de aproximadamente um mês, na turma do 6º ano do ensino fundamental, no turno vespertino.

As aulas de língua portuguesa eram a porta de entrada para que os alunos começassem a interagir uns com os outros, a fim de que o tema Inclusão fosse trabalhado, juntamente com o gênero Cordel. Assim, laços afetivos seriam formados, bem como o respeito às diversidades.

De acordo com Libâneo (1994), a escola é um meio insubstituível de contribuição para as lutas democráticas, na medida em que possibilita às

classes populares, ao terem acesso ao saber sistematizado e as condições de aperfeiçoamento das potencialidades intelectuais, participarem ativamente no processo de política, social e cultural.

Sendo assim, o cordel faz com que as crianças interajam, essa é uma das principais ferramentas de inclusão, pois trabalhando juntas, a troca de conhecimentos propicia a aprendizagem e afetividade, reduzindo assim, as possíveis diferenças que há nas salas de aula.

A literatura de cordel por ser um gênero muito presente no dia a dia da cultura nordestina, a qual faz parte da vivência dos alunos. Outrossim, a métrica, rima e a musicalidade faz com que os alunos se encantem por esse tipo de texto. Assim, a leitura dos cordéis de Patativa do Assaré, despertou o gosto pela leitura e escrita dos alunos e a partir das várias leituras os alunos formaram grupos e passaram a produzir seus cordéis. Sendo assim, Santos (2009, p.19, apud JAHN, 2011), ressalta:

A maior originalidade da literatura popular nordestina reside, sem dúvida, no intercâmbio estreito e permanente que estabelece entre expressão oral e escrita. Tradicionalmente diferenciada, a escritura (do folheto) não exclui a voz (da cantoria, do romance, do conto): completa-a e renova-a, desempenhando o papel do arquivo de improvisação e do momentâneo. Tal escritura não marginaliza a dimensão oral; foi escolhida como objeto preferencial de estudo por ser relativamente estável, muito embora o texto do folheto esteja também submetido a processos de variação, reescritura e atualização. Em compensação, a cantoria, poesia do instante e por essência fugitiva, institucionalizou-se com um conjunto de regras e códigos poéticos, genéricos e teatrais, permitindo assim, ao cantador improvisar livremente sem prejuízo da coerência e inteligibilidade da mensagem.

Para realização do desenvolvimento dos cordéis e a trabalho de interação entre os alunos, a princípio a turma foi dividida em cinco grupos, com quatro integrantes cada. A divisão foi feita através de sorteio. Também foram utilizadas aulas de 50 minutos cada, durante o período de maio a junho de 2017. O que mais chama à atenção é a forma como eles sentam e conversam sobre como podem realizar o trabalho juntos.

Cada aluno dá sua contribuição para produzir cordéis, e ainda fazer com que ninguém da turma seja excluído, a fim de que todos possam participar efetivamente, propiciando assim, a inclusão.

Sendo assim, fica evidente que este trabalho vai de encontro com o que ressalta os

Os gêneros existem em número quase ilimitado, variando em função da época (epopéia, cartoon), das culturas (haikai, cordel) das finalidades sociais (entreter, informar), de modo que, mesmo que a escola se impusesse a tarefa de tratar de todos, isso não seria possível. Portanto, é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais aprofundada. Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania, é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem. (BRASIL, 1998, p. 24)

Portanto, o cordel é uma excelente ferramenta de inclusão, pois proporcional a o trabalho em coletividade e desenvolve habilidades que muita da vez encontra-se retraída em alguns alunos, por se sentirem excluídos do ambiente escolar. Com esse trabalho, cada um pôde apresentar sua produção e mostrar sua potencialidade, além de desenvolver cooperação, afetividade e aprendizagem.

Resultados e Discussão

Logo na primeira aula, foi trabalho o tema Inclusão numa roda de conversa. Tudo começou com a professora mostrando a imagem abaixo. Os alunos demonstraram total interesse sobre o assunto e logo em seguida alguns cordéis com o tema foram mostrados. A partir de então, o gosto pelo tema, leitura e escrita começaram a ser demonstrados.



Figura 1: utilizada para dar início a conversação sobre inclusão escolar

Fonte: internet

A leitura da imagem fez com que os alunos refletissem diante de comportamentos inadequados para com as pessoas com deficiência. Em seguida, a discussão levou a reflexão de que todos somos iguais, mas que existem algumas diversidades, que não representam incapacidade e merecem respeito e atenção.

Logo em seguida, um curta-metragem, denominado “Por que Heloisa?” foi mostrado e a professora trouxe um cordel sobre a protagonista do filme. Assim, os alunos ficaram encarregados de trazer outros cordéis para ser lidos na próxima aula.

A partir daí, a turma foi dividida e começaram as produções de texto, através da produção de cordéis. Alguns alunos readaptaram cordéis já existentes, como por exemplos, os de Patativa do Assaré. Outros grupos criaram seu próprio texto.



Figura 2: Alunos confeccionando isoporgravuras para a capa dos cordéis.

Fonte: Os autores

Após a escrita dos textos, a professora fez livretos que foram expostos na biblioteca da escola, para que outros alunos tivessem acesso ao conteúdo produzido pelos colegas, conforme figura abaixo.



Figura 3: Apresentação dos Cordéis

Fonte: Os autores

Os resultados obtidos foram satisfatórios, as produções de texto foram feitas, o conteúdo da matéria foi repassado e principalmente, o tema rendeu uma boa reflexão e interação dos alunos com outros alunos com deficiência, além de os cordéis serem ficaram expostos como forma de mostrar para todos que a escola é um ambiente de inclusão. Abaixo, está um exemplo de um dos cordéis produzidos por uma das alunas da turma.

Meu amigo é especial

A aula de português

É muito especial

A gente aprende muito

Sobre inclusão educacional

Ela é essencial

Pra o convívio social

Lá na minha escola

Tem aluno deficiente

Mas ele é legal

E interage com a gente

Damos muitas risadas

Das brincadeiras da gente

Meu amigo nasceu com problema mental

Ele é muito contente

A sua deficiente

Não impede de falar com a gente

Na hora do intervalo

Ninguém é diferente

A professora explicou que ele é especial

Merece toda a nossa atenção

Nosso amigo leal

Faço esse cordel porque ninguém é igual

Nos tratamos com respeito

Pra poder viver legal

Conclusões

Diante desse contexto não há dúvidas de que a educação inclusiva é um direito de todos aqueles que dela necessitem, conforme a Constituição Federal e a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

Além do mais, com as garantias e determinações legais, todas as escolas devem estar preparadas para receber alunos com deficiência e também preparar os demais alunos para conviver com as diferenças, respeitando as diversidades.

Vale salientar também, que o cordel foi de fundamental importância no processo de inclusão, por ser um gênero de fácil acesso e de leitura motivante, os alunos se interessaram em discutir inclusão escolar, fazendo versos e produzindo seus livros. Tudo isso foi fundamental para o planejamento do conteúdo constante no currículo da disciplina para a turma, bem como houve o engrandecimento humano de cada estudante que participou do trabalho desenvolvido.

Assim, em face de tudo que foi mencionado, é fundamental analisar, estimular e apoiar o papel da escola e do professor, pois eles devem estar preparados para trazer o melhor à educação, que é qualidade no ensino e uma educação inclusiva para todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha. *A Produção de Textos nas séries iniciais: Desenvolvendo as competências de escrita*. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

ALVES, Rubens. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. 10. Ed. Campinas: Papyrus, 2010.

_____. *A alegria de ensinar*. 13. Ed. Campinas: Papyrus, 2010.

BRASIL Secretaria De Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, Antônio. *O direito à literatura*. In: *Vários escritos*. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca – Espanha, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 54.

JAHN, Livia Petry. *A literatura de cordel no século XXI : novas e velhas linguagens na obra de Klévisson Viana*. Porto Alegre, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994. 263 p.

MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002, p. 19-57.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: pontos e contrapontos*, Rosângela Gavioli Prieto: Valeria Amorim Arantes (Org.). 5. Ed. São Paulo: Summus, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* 2. Ed. São Paulo: Moderna, 2006, p. 21.

SILVA, José Severino da. *Diáspora Nordestina na Baixada Fluminense: a literatura de cordel como marca identitária/ José Severino da Silva*. – 2012. 129 f.: il.; 30 cm. Dissertação (Mestrado em Letras e Ciências Humanas).

